

A comunidade cristã prolonga o “projeto humanizador” de Jesus

“*Adeptos(as) do Caminho*”: assim eram conhecidos os(as) primeiros seguidores(as) de Jesus (At 9,2). Podemos dizer que na Igreja são necessários os itinerantes, os peregrinos do Reino de Deus, como no princípio do projeto e caminho de Jesus, que os enviou pelos caminhos e povos, sem nenhuma estrutura de apoio a não ser um coração disposto a não querer outra riqueza a não ser o fermento de nova humanidade. Com os itinerantes criou Jesus um movimento a serviço do Reino e Ele mesmo foi um itinerante. Não permaneceu numa casa, não se fechou em um lugar, não fundou uma instituição vinculada a um tipo de templo, sinagoga ou santuário, mas foi percorrendo, com um grupo de discípulos(as)/amigos(as), também itinerantes, os povoados e aldeias da Galiléia, anunciando e fazendo assim presente o Reino. Jesus os tirou de seus lugares estáveis, de suas simples redes da margem do mar, e os fez itinerantes pelos amplos caminhos e mares, para assim encontrar-se com os caminhantes, os perdidos e expulsos, e iniciar com eles a grande Marcha da Vida.

Assim queria Jesus que fôssemos seguidores seus, sempre em caminho, em todos os lugares, em todas as casas de passagem, dispostos a parar e conversar, prontos ao encontro e à solidariedade com todos os que vão e vem pela vida. Ia Jesus de eleições de Reino, ou seja, de eleição e opção de Vida, a favor dos expulsos, cansados, derrotados...

Poderíamos voltar a recuperar o sentido desta expressão (“adeptos do Caminho”), pois ela nos convida a continuar percorrendo o caminho cotidiano da existência de uma maneira muito simples, e isto é algo fundamental para o encontro profundo com o outro, com as alegrias e os sofrimentos daqueles que se encontram às margens, com a novidade e a surpresa da senda da vida, com a incerteza e o desafio de prosseguir confiando na boa notícia de Jesus, que se manteve sempre, constantemente em caminho pelas estradas da Palestina, para levantar os feridos, oprimidos e excluídos do sistema.

Máximo compromisso, máxima confiança

Miguel A. Munárriz Casajús

Tudo começou com os Doze; em seguida foram Setenta e dois; mais tarde, numerosos seguidores de Jesus foram se congregando em torno aos Testemunhos, sentindo-se “comunidade” e confortando-se mutuamente. Não tinham templos e se reuniam em suas casas para celebrar “a cena do Senhor”, para ler as recopilações que iam surgindo em torno aos atos e ditos de Jesus e atender às necessidades dos pobres: “*Ninguém considerava como próprias as coisas que possuíam, mas tudo entre eles era posto em comum. Entre eles ninguém passava necessidade...*” (At 4,32-34).

E mesmo sendo perseguidos, encarcerados e martirizados, sua forma de viver tornava-se contagiosa e não cessava de crescer. Logo veio Constantino, o poder, a pompa... e os que antes eram perseguidos se converteram em perseguidores. Melhor dizendo, foram seus capachos que se tornaram perseguidores e cometeram mil atrocidades; mas a força do Espírito continuou agindo sobre muitos e suscitando pessoas dedicadas a fazer o bem, dispostas a servir e a ajudar como nenhuma outra organização humana tinha feito. E deram abundantes frutos.

E assim, ao longo dos séculos, geração após geração, foi-se criando uma grande rede de **comunidades** que manteve vivo o espírito de Jesus até nossos dias. A elas devemos o conhecimento, a fidelidade ao Projeto d’Ele; e agora é nossa vez de corresponder ao que recebemos. De nós depende que seu espírito continue guiando a vida dos homens ou se converta ao algo do passado. Porque, se nós cristãos renunciarmos aos nossos sinais de identidade, se deixamos de ser vanguardas e nos situamos comodamente no fim da fila, se deixamos tudo à ação do Espírito e esquecemos que somos colaboradores necessários do Projeto de Deus, nossa razão de ser como cristãos terá perdido todo seu significado no mundo.

É habitual entender nossa condição de cristãos como privilégio, mas é muito mais raro entendê-la como **compromisso**. Um compromisso difícil de entender sem ter presente a enorme transcendência do projeto no qual estamos embarcados, sem sentir-nos parte integrante do projeto de Deus. Mas assumir o compromisso não se torna nada simples, porque nosso espírito ilustrado nos empurra com força a relativizar a importância de Jesus na história da humanidade, a reduzir seu papel ao de um mestre de sabedoria como tantos outros que houve no mundo.

É esse mesmo espírito que está também sacudindo nossa fé; e sem fé, carecemos do estímulo necessário para comprometer-nos em manter viva a rede cristã. Nem sempre estamos conscientes de que estamos

vivendo uma época crucial, pois existe o risco evidente de que a rede se rompa justamente pelo nosso elo, de que Jesus se converta em mera matéria de estudo para pessoas iniciadas e se perca seu espírito de serviço e perdão, de que as gerações futuras não o conheçam nem signifique nada para elas.

Como dizia Ruiz de Galarreta, o lema do cristão poderia ser: *"Máximo compromisso, máxima confiança"*. Máximo compromisso com a missão que nos foi encomendada, ou seja, a construção do Reino. Máxima confiança, porque o compromisso é com nossa mãe, a Igreja.

O projeto de Jesus

Enrique Martínez Lozano

A crença ortodoxa cristã afirmou durante séculos que *"o cristianismo é a única religião verdadeira"*, ou que *"fora da Igreja não há salvação"*, fundamentado no fato de que ambas as afirmações tinham nascido diretamente de Jesus, materializando com isso a "vontade salvífica" de Deus.

Foi particularmente no século XX quando, no campo teológico, se pôs sobre a mesa esta questão: *"Realmente, Jesus fundou a Igreja?"* Ou, em outras palavras, como afirmou Alfred Loisy, que *"Jesus pregou o Reino e o que veio foi a Igreja?"*

O texto do evangelho de Mateus (10,1-8) não deixa lugar a dúvidas, ao afirmar, enfaticamente, que os Doze discípulos não deveriam ir às terras dos pagãos, mas só "às ovelhas perdidas da casa de Israel".

Estas palavras, com o fato simbólico da eleição dos Doze, fazem alusão clara às doze tribos que constituíam o povo judeu, parecem mostrar claramente que o Projeto de Jesus se concentrava naquilo que se poderia denominar-se a "reconstrução" de Israel.

Sua proposta parece refletir seu desejo de reconstruir de novo o povo, sobre uma dupla base que quer ir até à raiz mesma da fé bíblica, em consonância com a melhor tradição profética: a entrega radical a Deus e o amor serviçal aos irmãos. Assim se explica que, tanto em sua própria existência cotidiana como em sua mensagem, Jesus enfatizara uma **confiança** absoluta e um **amor** compassivo e incondicional "até o extremo".

Assim, Jesus não pretendeu fundar a Igreja e nem quis iniciar nenhuma religião nova (isso teve muito a ver com o "gênio" religioso de Saulo de Tarso), mas renovar seu próprio povo sobre os fundamentos da filiação divina e a fraternidade que deveria derivar-se da mesma.

Isto não significa, no entanto, que a mensagem e a prática mesma de Jesus fiquem fechados nos limites do judaísmo. Sua mensagem (pensemos nas parábolas, no sermão da montanha e em tantos outros ditos) contém e expressa uma sabedoria para além do tempo ou de lugar, em sintonia com as mais nobres tradições sapienciais ou espirituais.

E sua vida inteira é uma manifestação nítida de coerência e autenticidade até o final. Tudo isto nos faz ver Jesus como um homem excepcionalmente sábio, no sentido mais profundo do termo: pelo que diz, pelo que vive e porque não há distância nele entre um e outro.